

nas mãos! Estavam ali as raízes — a raiz de tudo que é belo, a raiz elementar de toda a beleza completa.

Constance agarrava-lhe num enlevo de maravilhamento que era quase um suspiro de medo, de terror. E ele a segurava firme, mas calado. Nunca dizia nada. Ela achegou-se-lhe mais e mais, para estar mais e mais perto do milagre sensual daquele homem. E no fundo da sua absoluta, da sua incompreensível imobilidade sentiu, de novo, o lento e fatal ressurgir do falo em outro acesso de potência. E o coração de Constance fundiu-se numa espécie de terror.

Dessa vez a penetração do homem em suas entranhas valeu por doçura e carícia tão altas que ela sentiu-se esvaír. Todo o seu ser fremiu, inconsciente e vivo como o protoplasma. Não podia saber o que era. Não podia recordar o que tinha sido — só sabia que era mais delicioso do que o que mais pudesse sê-lo. Só isso. Depois do orgasmo ficou completamente tranqüila, de todo sem consciência por longo tempo. E o homem se sentia tão tranqüilo como a mulher, e também, como ela, mergulhado num silêncio insondável. E daquilo não se falaria nunca.

Quando a consciência começou a voltar, Lady Chatterley agarrou-o freneticamente, murmurando: "Meu amor! Meu amor!" e silenciosamente, ele apertou a mulher que se aninhava em seu peito. Mas sempre guardando um silêncio insondável.

— Onde está você? murmurou Constance. Fale-me. Diga-me qualquer coisa!

Mellors beijou-a ternamente e respondeu:

— Ai, minha menina!

Mas disse-o em dialeto, incompreensível para Constance, que ficou sem saber o que ele pensava — ele, tão perdido em seu silêncio.

— Ama-me, não é? murmurou ela.

— Não sabe, então?

— Diga-o! Diga que me ama!

— Sim, sim. Não o sentiu? respondeu ele como de longe, mas com ternura e firmeza — e ela apertou-se ainda mais contra seu corpo. Ele era calmo no amor — mas Constance queria que lhe desse a certeza.

— Sim, você me ama! afirmou ela, e ele a acariciou suavemente com a mão, como se se tratasse duma flor, sem frêmito de desejo, mas com delicada intimidade. Constance ainda estava com medo de ver escapar o amor.

— Diga que me amará sempre! pediu.

— Sim, foi a resposta distante de Mellors.

Ela percebeu que não era aquele o caminho.

— Não é tempo de levantar-nos? propôs ele por fim.

— Não, não! protestou Constance, sentindo que o homem escapava-se, que já estava atento aos rumores de fora.

— Está quase noite já — disse ele.

As necessidades da vida falavam em sua boca — Constance beijou-o com a mágoa da mulher que desiste da sua hora de felicidade. Mellors ergueu-se, avivou a luz da lanterna e começou a vestir-se, tudo rápido. Estava diante dela abotoando o culote e olhando-a com os grandes olhos sombrios, o rosto um tanto afogueado, os cabelos em desordem, estranhamente tranqüilo e belo à vaga luz da lanterna, belo como ela não diria nunca. Constance tinha vontade de agarrar-se a ele, dependurar-se nele, para que fosse toda sua, só sua, aquela beleza. E ali, estendida sobre as cobertas, deixou-se ficar, as pernas nuas suavemente fletidas; e ele não tinha nenhuma idéia do que ela pensava — mas também a via bela, a suave e maravilhosa criatura em que podia penetrar e perder-se para além de todas as coisas.

— Adoro poder entrar em você, disse ele.

— Gosta de mim? E o coração de Constance palpitou.

— Faz bem que eu possa entrar em você. Adoro o ter-se aberto para mim. Adoro poder entrar em você assim.

Baixou-se e beijou-lhe os flancos, e esfregou nela as faces; depois desceu-lhe o vestido.

— E não me abandonará nunca?

— Não me peça tais coisas — foi a resposta de Mellors.

— Mas sabe, não é? que o amo?

— Sim, que me ama neste momento mais do que pensou amar. Mas, que acontecerá quando se puser a refletir?

— Não, não diga isso... E não creia nunca que eu quis servir-me de você...

— Como?

— Para ter um filho...